

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Câmpus São Paulo

Beatriz Dutra Estevam	SP3097471
Lourrainy Mancuzo Almeida	SP3053288
Luana do Nascimento Rocha	SP3053962

**TRABALHO DE ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A
PARTIR DOS TEXTOS:**

Vó, a senhora é lésbica?, de Natalia Borges Polessó;

Resenha do livro *Amora*, por Ana Istschuk;

O livro e a autora por trás da questão do Enem sobre uma avó lésbica, Júlia Warken.

São Paulo
2022

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Câmpus São Paulo

Beatriz Dutra Estevam	SP3097471
Lourrainy Mancuzo Almeida	SP3053288
Luana do Nascimento Rocha	SP3053962

**TRABALHO DE ELABORAÇÃO DE EXERCÍCIOS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA A
PARTIR DOS TEXTOS:**

Vó, a senhora é lésbica?, de Natalia Borges Polessos;

Resenha do livro *Amora*, por Ana Istschuk;

O livro e a autora por trás da questão do Enem sobre uma avó lésbica, Júlia Warken.

Trabalho de elaboração de exercícios de análise linguística apresentada ao Instituto Federal de Educação e Tecnologia de São Paulo (IFSP) como requisito para o 5º semestre, na disciplina "Sintaxe da Língua Portuguesa I", do 3º ano do curso de licenciatura em Letras.

Metodologia do Ensino: Sintaxe da Língua Portuguesa I
Professora Cristina Lopomo

São Paulo
2022

TEXTO I: Vó, a senhora é lésbica?

Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação. Apertei os olhos e contraí o peito, esperando o tiro. Atrás das minhas pálpebras, Taís e eu nos beijávamos escondidas no último corredor da área de humanas na biblioteca da faculdade. Abri os olhos novamente e meio tonta vi que minha vó continuava de olhos baixos, Joaquim continuava batendo com o garfo nos lábios e Beatriz apenas sacudia as pernas curtas sobre a cadeira.

A vó Clarissa era professora de história, por isso, a casa era abarrotada de livros, atlas, guias, fitas VHS com documentários, revistas, papéis, tudo. Quando criança, eu perguntava para ela o que tinha naqueles livros todos e ela me dizia que eram histórias, muitas histórias, de diferentes pessoas, lugares, tempos, com jeitos diferentes de contar. Ela perguntava se eu queria ouvir alguma, me mandava escolher um livro. Meus olhos pegavam fogo de curiosidade. Eu corria pela casa e voltava com passos atrapalhados, carregando mais livros do que podia carregar, jogava tudo no sofá e voltava correndo para buscar algum que tivesse se perdido pelo caminho. Ela ria alto e falava mas escuta, quantas histórias você quer que eu conte? Acho que não teremos tempo para tudo isso! Eu continuava com olhos gulosos, esperando que ela começasse. Qual deles você quer? Eu apontava para um livro aleatório. Muito bem então. E começava: ah, uma história muito boa! Não me esqueço dessa nunca. É sobre um homem chamado Gregor Samsa, um vendedor. Depois de uma noite cheia de sonhos curiosos, ele acorda se sentindo muito estranho, tão estranho que não é capaz de se levantar da cama. Eu pensava que já tinha me sentido daquele jeito. Sua mãe vai ver o que aconteceu com ele, mas ele não abre a porta. Então, sua irmã vai ver o que aconteceu, mas ele também não abre a porta. Até que seu chefe resolve ir à sua casa, porque, afinal, Gregor nunca tinha se atrasado para o trabalho. Eu pensava que se a professora batesse na minha porta, eu precisaria de uma ótima desculpa. Então, ele se vê obrigado a abrir a porta. Todos estão em choque: Gregor Samsa é um inseto! Um inseto? Minha nossa!, eu dizia. Como uma barata. Eu tinha um fio de saliva pendido da boca, fazendo uma pocinha no sofá. A metamorfose foi um dos primeiros livros que li, fora os ditos para criança. Mas acho que só o

li aos onze anos de idade. Apresentei o livro na aula de leitura e, embora tivesse lido e tirado minhas próprias conclusões, na hora de contar a história, contei exatamente como minha vó me contava quando eu tinha seis anos, fazendo todo o suspense e as revelações nas horas certas.

Meus pais trabalhavam muito e nós, crianças, ficávamos na casa da vó no turno da tarde, depois da escola. Minha avó e minha mãe pensavam que era melhor estudar no turno da manhã, porque o cérebro está mais atento nesse período, então desde sempre eu estudei de manhã. Agora até acho estranho ter aulas na faculdade no turno da noite, não posso controlar o sono, especialmente quando o professor de latim começa a falar. Ele é um velhinho de voz litúrgica que funciona à base de café e bala de leite. Foi na aula dele que eu conheci a Taís.

Só notei a Taís na metade do semestre, quando ela chegou com a perna engessada e veio sentar perto de mim, porque eu sempre sentava perto da porta, bem na frente. Pensei que ali seria cômodo. Ofereci ajuda. Caderno, pasta e cafezinho nas mãos, mais as muletas, e ninguém para dar uma mão, ela disse, pareço invisível. A Taís era da linguística; eu, da literatura. Fico contente que aquela matéria fosse obrigatória para ambas as áreas. No intervalo, perguntei se queria que eu pegasse mais um café. Ela aceitou. Ficamos conversando o resto da aula, e na outra, e na seguinte, até a semana em que ela faltou. Eu não tinha pegado nenhum contato dela, telefone, email, eu nem sabia seu nome completo, nada mesmo. Passei a semana inteira pensando se ia vê-la de novo, se tinha morrido, se tinha largado o curso, se alguma coisa terrível tinha acontecido.

Na semana seguinte, quando ela apareceu sorridente e sem o gesso, perguntei o porquê da ausência na semana anterior. Ela esticou a perna fina em cima do banco, depois me enlaçou com um braço e me deu um pirulito em troca de apoio para subir o lance de escadas. No intervalo, saímos para ir à biblioteca. Ela disse que precisava de um livro, mas que não lembrava o nome, no entanto, disse que sabia onde ele ficava e fomos indo para o último corredor, sem janela e com uma luz fraca. Ali no fundo, ela disse, e me arrastou pela mão até onde a prateleira quase se encostava à parede. Pegou o livro e deu uma olhada dentro. Depois, ergueu os olhos para mim e com uma mão muito muito rápida me puxou pela gola do blusão para bem perto dela e encostou a testa na minha. Eu sabia o que fazer, só que nunca tinha feito. A Taís sorriu com aqueles dentes brancos e enormes, sorriu dentro da minha boca.

Depois que a nossa babá foi demitida por causa do episódio do fogão a lenha e metade da cozinha foi incendiada, nós começamos a passar as tardes com a nossa avó. Ela e a tia Carolina. Por volta das quinze horas, minha avó punha uma mesa de chá. As xícaras com flores azuis, o jogo de porcelana, os talheres de prata, bandeja. Um pouco depois do almoço,

ela nos deixava sozinhos e ia até a padaria. Voltava em vinte minutos com uma caixa de delícias que sempre nos fazia muito curiosos. Quinze e pouco chegava a tia Carolina. Minha avó ficava radiante.

A tia Carolina trazia, quase sempre, uns olhos de embaraço, agora lembro, os passos incertos, as mãos cheias de anéis que se torciam em si mesmos, os ombros para cima sempre. Parecia que não queria estar ali. Eu me lembro dela porque era muito bonita e porque eu gostava de imitá-la. Eu achava fascinante como a tia Carolina podia ter o cabelo branco, mas não parecer velha.

Minha vó sempre recomendava que não as incomodássemos durante o chá e enchia o nosso quarto de tudo o que pudesse nos manter ocupados. Numa tarde dessas, peguei um pouco de talco, joguei na minha cabeça e fui até a cozinha para mostrar meu cabelo branco. A tia Carolina me pegou no colorindo e eu me lembro de ter perguntado quantos anos ela tinha e por que não era velha se tinha cabelo branco. Demos um jeito de ficar na cozinha. Mas, depois daquela tarde, as visitas começaram a rarear e a minha vó se entristeceu de um jeito que doía ver. Chorava pela casa e fumava escondida num canto da sacada. Acho que bebia também, porque havia cheiros estranhos e uma avó displicente naquele período. Passou um inverno inteiro e mais a primavera para a tia Carolina voltar a visitar, eu lembro direitinho, porque foi no aniversário do Joaquim que ela apareceu. Minha avó parecia outra mulher. Estava bem vestida, contente e voltou a cheirar a perfume e creme de lavanda. As coisas começavam a fazer sentido na minha cabeça, agora, quinze anos depois. Minha vó era mesmo lésbica.

— Joaquim, terminou de comer? — ela perguntou.

— Não.

— E onde você ouviu isso sobre eu ser lésbica?

— Ouvi o pai e a mãe falando.

— Ah.

Minhas mãos gelaram e, por mais que eu mastigasse, a comida não descia. Levantei da mesa com meu prato na mão e fui à pia, fingindo desinteresse.

— Joana? — disse minha vó.

— Oi — eu respondi com a voz mais fraca que tinha.

— Me traz a pimenta.

— Claro, vó.

Levei o moedor para a mesa e, quando ia escapando, ela falou.

— Você não vai sentar para ouvir a resposta do que seu primo perguntou?

Sentei. Aliás, eu nem percebi que já estava sentada, foi como se meu corpo tivesse feito aquilo automaticamente. Minha cabeça convulsa dentro, os fatos se conectavam.

— Sim — disse.

Joaquim começou a rir e Beatriz apenas o seguiu no riso.

— Joana, quer me perguntar algo?

— A tia Carolina vem aqui hoje? — a pergunta saiu toda errada, mas minha vó compreendeu.

— Vem sim. Vem hoje, vem amanhã, vem todos os dias, como você sabe desde pequena. Tem alguma outra coisa que você queira perguntar?

— Não.

— Tem certeza?

Fiz que não com a cabeça, mas respondi um sim mastigado por um tipo de curiosidade. Na minha casa, todas as conversas sempre eram assim, bem esclarecedoras. Ali, aquilo não me agradava.

Minha vó foi contando toda a história, e ela era muito boa em contar histórias. Enquanto ela falava, eu tinha os olhos fixos numa tapeçaria que cobria toda a parede atrás dela, uma tapeçaria com motivos medievais, uma festa num vilarejo. Duas coisas sempre me atraíram nela: o anão bêbado e as duas mulheres dançando um pouco afastadas, atrás de uma árvore. Enquanto eu olhava a tapeçaria, a Taís invadiu meus pensamentos. Me lembrei da sua mão quente tocando meu corpo, por baixo do blusão, e pensei nas mãos cheias de anéis da tia Carolina percorrendo o corpo da minha vó. Na tapeçaria, as duas mulheres tocavam as mãos. Respirei pesado e a Taís voltou, enfiei meu rosto em seus cabelos e aspirei-lhe bem fundo a nuca. Mas quando recuei, eram os cabelos brancos da tia Carolina sobre a face da vó Clarissa. Um caneco de cerveja se esvaziava num chão de lã amarela numa outra parte da tapeçaria, eu e a Taís dançávamos no quarto dela e depois de um ou dois giros eram os corpos da tia Carolina e da vó Clarissa que caíam ofegantes sobre a cama. Tive a sensação de ter perdido grande parte da explicação. No final, minha vó dizia vinte anos, faz vinte anos. Até que o Joaquim perguntou por que ela e a tia Carolina não moravam juntas. Essa a minha vó não respondeu, disse que por hoje estava bom de histórias e resumiu dizendo que não moravam juntas porque não queriam. Porém me ocorreu lembrar que a tia Carolina tinha sido casada com o seu Carlos. Me ocorreu que talvez ela não pudesse ficar com a minha vó. Me ocorreu que nunca tivessem dançado, nem bebido juntas, ou sim. Pensei na naturalidade com que Taís e eu levávamos a nossa história. Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha

vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.

QUESTÕES

1. É possível perceber nesse texto que a sequência narrativa dos acontecimentos traz diversas marcas da evolução e retrocessos das ações e pensamentos. O texto possui uma movimentação que leva o leitor do passado ao presente e vice e versa.

Retire do texto no mínimo dois trechos que comprovem essa elaboração da sequência narrativa.

(Espera-se do aluno que compreenda essa passagem do presente para o passado, passado para o presente e que traga trechos que explicam essa mudança, a fim de que compreenda o tempo do enredo. Exemplo: *“Chorava pela casa e fumava escondida num canto da sacada. Acho que bebia também, porque havia cheiros estranhos e uma avó displicente naquele período. Passou um inverno inteiro e mais a primavera para a tia Carolina voltar a visitar, eu lembro direitinho, porque foi no aniversário do Joaquim que ela apareceu. Minha avó parecia outra mulher. Estava bem vestida, contente e voltou a cheirar a perfume e creme de lavanda. As coisas começavam a fazer sentido na minha cabeça, agora, quinze anos depois. Minha vó era mesmo lésbica.*

— Joaquim, terminou de comer? — ela perguntou.

— Não.”)

2. Em relação à estrutura do texto, responda a seguir:

- a. Identifique o **foco narrativo**, isto é, o **ponto de vista** escolhido pelo narrador para contar os fatos. Utilize-se, no mínimo, de dois fragmentos textuais.

(Espera-se do aluno que responda primeira pessoa do singular e que retire trechos como o exemplo a seguir: *“Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família. Senti um calor letal subir pelo meu pescoço e me doer atrás das orelhas. Previ a cena: vó, a senhora é lésbica? Porque a Joana é. A vergonha estava na minha cara e me denunciava antes mesmo da delação.”)*

- b. No trecho: “Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”.” Qual o tipo de discurso encontrado?

(Espera-se que o aluno responda o discurso direto).

- c. Como o trecho anterior pode ser reescrito apenas no discurso indireto?

(Beatriz ecoou perguntando o que era lésbica).

3. Observe o trecho inicial do conto “*Vó Clarissa deixou cair os talheres no prato, fazendo a porcelana estalar. Joaquim, meu primo, continuava com o queixo suspenso, batendo com o garfo nos lábios, esperando a resposta. Beatriz ecoou a palavra como pergunta, “o que é lésbica?”. Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família.*”

- a. No trecho “*Eu fiquei muda. Joaquim sabia sobre mim e me entregaria para a vó e, mais tarde, para toda a família.*”. Reescreva o trecho unindo os dois períodos em um único período. O que se ganha e o que se perde em termos de expressividade e informatividade com a reescrita do trecho?

(A ideia das questões é fazer com que o aluno leia o trecho e observe a ênfase e a carga dramática que se tem ao ter o ponto final na sentença “Eu fiquei muda”. Ao reescrever ficaria “Eu fiquei muda pois Joaquim sabia sobre mim, me entregaria para vó, mais tarde para toda família” com o uso do “e”, há uma alteração no sentido de que Joaquim sabia o segredo dela, e que ninguém poderia descobrir. Essa alteração não destaca o “eu fiquei muda”, mas dá sentido explicativo à sentença. A ausência de conectivos nessa sentença evidencia “o ficar muda” agregando para narrativa, já que isso seria uma consequência de “Joaquim sabia sobre mim”).

4. Observe o trecho “*Ela ria alto e falava mas escuta, quantas histórias você quer que eu conte? Acho que não teremos tempo para tudo isso!*”.

- a. Qual é o verbo de elocução da oração?
- b. Que sentido esse verbo concede para a oração?
- c. O que há de diferente do que se espera de um discurso direto?

(A ideia das questões é fazer com que o aluno reconheça o verbo *Dicendi* **falava** que introduz a fala da avó na sentença e compreenda que esse verbo introduz as falas dos personagens reproduzindo fielmente o modo como é dito no momento da narração. E para que o aluno perceba que o discurso direto “...e falava mas escuta” não foi marcado pela pontuação.)

5. Leia o seguinte trecho “*Pensei na minha insegurança de contar isso à minha família, pensei em todos os colegas e professores que já sabiam, fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, apesar de todos os impedimentos. Eu quis saber mais, eu quis saber tudo, mas não consegui perguntar.*” e responda:

- a. No trecho destacado é possível perceber uma sequência de acontecimentos que levam a uma angústia interna do eu lírico. Quais verbos dão essa sequência de ações/pensamentos?

(Espera-se do aluno que responda “pensei, fechei, vi, quis, consegui” para identificar a sequência de acontecimentos).

- b. Em “... fechei os olhos e vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando, **apesar de** todos os impedimentos” qual é a classificação da conjunção em negrito?

(Conjunção concessiva que possui um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la.).

- c. Explique qual o sentido a conjunção concede ao texto. Reescreva o trecho com a conjunção “embora” fazendo todas as adaptações necessárias para manter seu sentido.

(A conjunção concessiva concede ao texto um sentido oposto à ação expressa nele “vi a boca da minha vó e a boca da tia Carolina se tocando”, mas essa oposição não anula o que foi estabelecido. E ela poderia ser reescrita a partir de outras conjunções concessivas, como: Embora houvesse todos os impedimentos; por mais que houvesse todos os impedimentos. Com base nessas alterações, é possível observar que para manter o sentido da frase, foi preciso trazer ao texto o verbo “haver” no pretérito imperfeito do subjuntivo).

TEXTO II: Resenha do Livro Amora, por Ana Itschuk

“Amora” é quase todo amor. Amor no feminino, amor de mulher que ama outra mulher. São contos que narram relacionamentos de todos os tipos, de idades variadas, de primeiros amores a casamentos... Enfim, mostra a pluralidade das mulheres lésbicas em seus relacionamentos diversos.

Este livro me marcou especialmente porque foi meu companheiro de trajetória até a casa da minha namorada. Minha primeira namorada. Em cada ônibus que percorria o caminho entre nossos bairros eu conhecia uma história nova de relacionamento. Relacionamentos que agora me eram próximos e que narravam na ficção situações que eu poderia encontrar na realidade.

E essas histórias no trajeto viram e acompanharam a construção do meu caminho nesse novo relacionamento. Era quase ritualístico chegar na casa dela e contar “amor, o conto que eu li hoje...” e ela me ouvir atenta, fazendo perguntas, interessada no que eu dizia (ela sempre ouve).

Foi um livro que li devagar, quase sempre um conto por vez, um conto por dia. A leitura durou pouco mais de um mês (são 33 contos que compõem o livro), muito mais por essa rotina criada por mim do que pela narrativa fluida e convidativa da autora. Escrita tão bem construída que lhe rendeu o Prêmio Jabuti de Contos em 2016.

Ora grandes e sumarentas, ora pequenas e ácidas, as histórias de Natalia Borges Polesso versam sobre relacionamentos, no plural. A lesbianidade é o que tem em comum nas histórias, mas o foco são as relações em si, os vários relacionamentos que pessoas podem ter, mostrando nesses diversos cenários as particularidades vividas por quem ama outra mulher.

“Amora” me foi um livro de referência. Me foi um livro onde li histórias que eu poderia viver, desde situações de descoberta de um novo amor, de término, de abandonos, à cenas duras, de não aceitação, e até algumas cenas engraçadas relacionadas à família.

Sei que não falei tanto sobre o livro e que tornei o texto bem pessoal, mas para mim é quase impossível falar dessa obra sem contar um pedaço da minha história.

QUESTÕES

1. Reflita sobre o título do livro e a resenha. Antes da leitura do texto, do que você acredita que se trata? Após a leitura do texto, você acredita que ambos se complementam? Se sim, explique.

(Questão interpretativa - A ideia é que o aluno, ao ler o título da resenha e o texto possa compreender eles, como elementos diferentes e que ao mesmo tempo se complementam. O esperado é que o aluno fale sobre o título se remeter a uma fruta e que na resenha há um desdobramento no que seria a “amora” que deixa de significar somente a fruta e passa a ser sobre o amor)

2. Observe o trecho “*Sei que não falei tanto sobre o livro e que tornei o texto bem pessoal, mas para mim é quase impossível falar dessa obra sem contar um pedaço da minha história*”. Qual o sentido de “*mas*” nesse contexto?

(O esperado é que o aluno identifique o sentido adversativo do **mas** como conjunção)

3. Leia o trecho a seguir “*Ora grandes e sumarentas, ora pequenas e ácidas, as histórias de Natalia Borges Polesso versam sobre relacionamentos, no plural.*” E responda:

- a. Se o trecho fosse reescrito, alterando a ordem dos elementos na sentença, “*As histórias de Natalia Borges Polesso versam sobre relacionamentos, no plural. **Ora** grandes e sumarentas, **ora** pequenas e ácidas.*” que informação ficaria em evidência?

(Cabe ao aluno reconhecer que após a alteração feita, o que se encontra em evidência são os adjetivos presentes no trecho, que a partir da alteração, fazem referência aos relacionamentos, já que na sentença original, tais adjetivos, se ligava às histórias de Natalia).

- b. Levando em conta as conjunções destacadas, que ideia elas expressam para a sentença?

(É esperado que o aluno reconheça a conjunção alternativa presente na questão e que explique que ela expressa a ideia de alternância, ou seja, o efeito de alterar e apresentar um sentido oposto)

4. Após a leitura da resenha – um gênero informativo e interpretativo, caracterizado por apresentar as principais informações, descrever sua estrutura da obra e argumentar criticamente sobre ela – sobre o livro de Natália Polesso: Ela se assemelha às outras que já havia lido? Se sim ou se não, em que ela se diferencia? Quais são as características semelhantes que você observou?

(Espera-se que o aluno procure marcas estilísticas presentes no texto, que aproxime outros textos já lidos antes. E como o caráter de um texto narrativo se apresenta nesta e em outras leituras.)

TEXTO III: O livro e a autora por trás da questão do Enem sobre uma avó lésbica

"Amora" foi lançado em 2015 e, no ano seguinte, venceu o Jabuti na categoria Contos. Trata-se da premiação mais importante da literatura nacional e Natalia estava concorrendo com nomes como Luís Fernando Veríssimo e Rubem Fonseca. Em setembro de 2018, o livro foi aprovado no PNLD (Plano Nacional do Livro Didático), o que significa que ele pode ser trabalhado em sala de aula nas escolas públicas de todo o país. Agora, após aparecer no Enem, a visibilidade da obra está ainda maior.

O MdeMulher conversou com a autora para saber sobre o que ela achou da questão do exame e sobre o que ela pensa a respeito da acalorada polêmica envolvendo ensino e pautas de cunho social. Também aproveitamos para perguntar qual resposta ela escolheria caso tivesse feito a prova do Enem, pois muita gente ficou dividida entre as alternativas BeC.

MdM – Na sua opinião, qual é a importância de ver uma questão com temática lésbica tendo espaço no Enem?

Natalia – Eu tenho uma briga com a junção “temática lésbica”, acho que é um conflito familiar. É claro que tem sua especificidade, porque as duas personagens (avó e neta) são lésbicas. E é justamente esse protagonismo que vejo como importante. Então, uma questão como essa me faz pensar em todas as pessoas que nunca têm suas vivências reconhecidas, que nunca podem se encontrar em alguma coisa importante, que precisam sempre se esconder, ou se desculpar por existir. Parece-me que a prova inteira veio para lavar o lodo que jogaram sobre os professores, para reconhecer a necessidade de uma educação ampla, pensante e libertadora.

MdM - Para além da usual polêmica em torno da temática LGBT, muita gente se surpreendeu ao ver que seu conto fala sobre uma avó lésbica cuja neta é lésbica também. Como surgiu a ideia de escrever uma história assim?

Natalia - Essa história é sobre uma família. Sobre duas mulheres dessa família. Sobre gerações diferentes dessa família. É um conto sobre empatia e sobre o reconhecimento das liberdades. Enquanto a avó teve seu direito de amar e seu direito de viver seus desejos

cerceado, pelo fato de amar uma mulher, a neta se vê numa situação parecida e avalia tudo o que é diferente para cada uma. Além disso, há um foco bastante grande na relação familiar e na leitura. A avó lê a metamorfose', de Kafka. para a neta quando pequena. A pergunta que permeia o texto é: como será se enxergar tão estranho, viver em uma sociedade em que você é impedido de existir como deseja, plenamente? Pensei em todas essas coisas quando escrevi o conto.

MdM - Mesmo em tempos de "Escola Sem Partido" e da aberta perseguição a professores que lançam temas sociais em sala de aula. "Amora" foi aprovado no PNDL recentemente. Como você vê esse cenário?

Natalia - Com cautela. Fico muito feliz com a aprovação no PNDL, fico feliz que o livro pode e vai ser escolhido por muitos educadores e educadoras de escolas públicas do Brasil. Mas não posso dizer que não sinto medo dessa onda conservadora e reacionária, que a tudo responde com ignorância. Intolerantes sempre existiram, mas agora sei que é preciso de uma força coletiva para barrar algumas dessas atrocidades. É preciso estar ciente das leis, é preciso ter apoio nas instituições. Não será fácil, mas precisamos estar juntos. Outra coisa que me preocupa é o crescente descrédito das instituições de ensino e dos professores. Temos que lutar contra isso.

MdM - O que você achou da formulação da pergunta do Enem?

Natalia - Eu nunca fui muito boa em resolver questões de múltipla escolha. Tive que ler algumas vezes, primeiro porque achei curta. Mas depois entendi que tinha que ser daquele modo mesmo. Gosto do trecho escolhido e acho que se pode mesmo pensar na tensão ou no conflito que se estabelece. É interessante pensar em como construir essa sensação em tão poucas linhas. A pergunta também revelaria que evidências do texto o leitor ressalta para chegar a uma das conclusões. Fazer uma prova dessas nunca é simples!

QUESTÕES

1. Natália Polessó foi uma das autoras usadas em questão do ENEM 2018. O texto acima é uma entrevista que ela deu após seu conto "Vó, a senhora é lésbica?" aparecer na prova. De

acordo com a autora da história, sobre o que o texto trata? Justifique com trechos da entrevista.

(O texto fala sobre a família e questões que envolvem mulheres dessa família. O aluno deve ater-se ao texto, principalmente trazendo elementos do trecho “Essa história é sobre uma família. Sobre duas mulheres dessa família. Sobre gerações diferentes dessa família. É um conto sobre empatia e sobre o reconhecimento das liberdades. Enquanto a avó teve seu direito de amar e seu direito de viver seus desejos cerceado, pelo fato de amar uma mulher, a neta se vê numa situação parecida e avalia tudo o que é diferente para cada uma. Além disso, há um foco bastante grande na relação familiar e na leitura.”).

2. Encontre no texto acima, marcas textuais semelhantes ao Gênero Textual Entrevista.

(Espera-se que o aluno reconheça as características do Gênero Textual Entrevista, como, por exemplo, a presença de um entrevistador “MdeMulher” e do entrevistado “Natália Polesso. O uso do discurso direto utilizado no decorrer da entrevista, e a presença da linguagem oral)

3. Leia o trecho a seguir “***É preciso*** estar ciente das leis, ***é preciso*** ter apoio nas instituições. Não será fácil, mas ***precisamos*** estar juntos.” Como o uso da repetição em destaque influencia na interpretação do trecho?

(Em sua fala, Natália faz o uso do verbo precisar, e com ele, traz ao texto o sentido de urgência, e valida essa necessidade de estar ciente das leis, e de ter apoio nas instituições, através da repetição do verbo destacado. Dando ao trecho a noção de uma situação importante e necessária, dando mais ênfase ao que se está defendendo.)

4. Leia o trecho abaixo e reescreva a fala de Natália Polesso para o discurso indireto “*Eu nunca fui muito boa em resolver questões de múltipla escolha. Tive que ler algumas vezes, primeiro porque achei curta. Mas depois entendi que tinha que ser daquele modo mesmo.*”

(Natália afirma que nunca foi boa em resolver questões de múltipla escolha. Ela revela ter lido algumas vezes, pois, primeiro achou curta. Mas depois, Natália entende que devia ser daquele modo.)

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de estilística no ensino da língua**. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015.

SPERANÇA-CRISCUOLO, Ana Carolina. **Sintaxe das orações complexas em português: uma proposta de descrição e ensino**. Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto), v.57, n. 2, p. 495-518, 2013.

ISTSCHUK, Ana. Resenha 'Amora' da Natalia Borges Polesso. **Pássaro Liberto**, 2020. Disponível em : <https://passaroliberto.home.blog/2020/08/11/resenha-30-amora-da-natalia-borges-polesso/>. Acesso em: 07 de jun. de 2022.

WARKE, Júlia. O livro e a autora por trás da questão do Enem sobre uma avó lésbica. **Cláudia**, 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/cultura/o-livro-e-a-autora-por-tras-da-questao-do-enem-sobre-um-a-avo-lesbica/>. Acesso em: 07 de jun. de 2022.